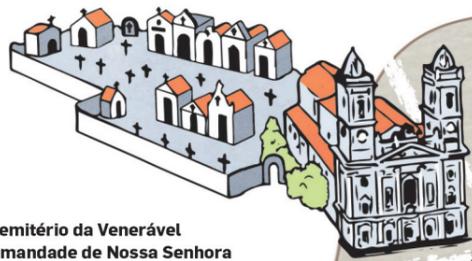




Cemitério da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa

Meu querido amigo. Revalido, por esta carta, o que lhe propus com referência ao meu cadáver e ao seu jazigo no cemitério da Lapa. Desejo ser ali sepultado e que nenhuma força ou consideração o demova de me conservar as cinzas perpetuamente em sua capela.

(Carta a Freitas Fortuna)



Praça da República

© Manuel Varzim



Livraria Lello

Venho então sentar-me a esta banca, dou formas dramáticas ao diálogo dos meus fantasmas, e convengo-me de que pertenço bem aos vivos, ao meu século, ao balcão social, à indústria, mandando vender a Ernesto Chardron as minhas insónias.

(Noites de insónia, 1874)

Teatro Nacional S. João

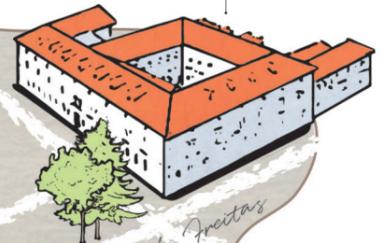
Um meu recente amigo, curioso frequentador do teatro, nessas infaustas tardes, diz que muitas vezes sentiu choque na copa do chapéu, e encontrou a cavidade torácica dum frango, ou fragmento de posta de pescada. É que os honrados locatários do camarote, durante os intervalos, preenchem com regaladas merendas o seu tempo, dividindo assim as horas pela nutrição do espírito com o drama, e pela, um pouco mais sensível, do estômago com o alguidar odorífero de excelente arroz de forno.

(Carta de José Mendes Enxúndia ao Padre Serapião de Algures)

Biblioteca Pública Municipal do Porto

[Augusto Soromenho] desvelava as noites lendo de empréstimo livros obsoletos; e, nas horas feriadadas ao seu emprego quotidiano, ia à livraria pública afligir os empregados pedindo livros em línguas mortas [...] [Eu] lia crónicas de frades para estudar o milagre e a língua, e encher-[me] de história, de fé e vernaculidade.

(Cancioneiro alegre, 1879)



Reitoria da Universidade do Porto
(antiga Academia Politécnica do Porto)

Estudava eu Química na Academia do Porto. De dois condiscípulos somente me recordo bem. Um era o melhor estudante; o outro, último da lista, seria o pior do curso, se eu lá não estivesse.

(Cavar em ruínas, 1867)

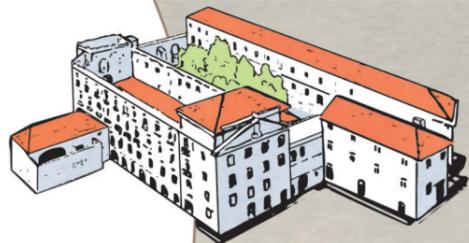
Centro Português de Fotografia
(Antiga Cadeia e Tribunal da Relação do Porto)

O romance escrito em seguimento [de Romance dum homem rico], foi Amor de perdição. Desde menino eu ouvia contar a triste história de meu tio paterno, Simão António Botelho. Minha tia, irmã dele, solicitada por minha curiosidade romanésca, estava sempre pronta a repetir o facto, aligado à sua mocidade.

(Memórias do cárcere, 1862)

Escrevi o romance em quinze dias, os mais atormentados da minha vida.

(Amor de perdição, 1862)



Jardim da Cordoaria



Rua das Carmelitas

Rua das Flores



Rua do Mouchoiro da Salvação

Av. Dom Afonso Henriques

Convento de Monchique

– Onde é Monchique? – perguntou Simão a Mariana. – É acolá, senhor Simão – respondeu, indicando-lhe o mosteiro, que se debruça sobre a margem do Douro, em Miragaia. Cruzou os braços Simão, e viu através do gradeamento do mirante um vulto. Era Teresa.

(Amor de perdição, 1862)



Rua do Monchique



Estação Ferroviária de S. Bento
(antigo Convento de S. Bento de Avé Maria)

Havia abadessado no real mosteiro de S. Bento de Avé Maria. Confluíam ao outeiro das grades e do pátio do festival convento iluminado poetas antigos, famosos no soneto arcádico; e poetas da última hora, vaporosos, mais entendidos em brisas que um piloto e mais relacionados com as estrelas que um astrónomo. [...] Mas o maior e honesto estrago que os poetas ali faziam era na bandeja dos doces e nas capitosas garrafas das briosas filhas de S. Bento.

(Carta a Augusto Gama)

Rio Douro

